

SEMINÁRIO- ASPECTOS ÉTICOS, LEGAIS,
INSTRUMENTAIS E PSÍQUICOS DA CAÇA.

DA LETRA DA LEI À LEI DO DESEJO INCOSCIENTE

Renata Zancan

Boa tarde.

Quando fui convidada a participar desse maravilhoso Seminário sobre os Aspectos Éticos, Legais, Instrumentais e Psíquicos da Caça, uma colega de profissão me perguntou -"o que um psicanalista teria a ver com isso?"

Lembrei que Freud em 1929(1930), escreveu um de seus mais conhecidos textos, a saber, "o Mal-Estar na Civilização", e em seu segundo capítulo abordando a questão sobre os métodos de fuga do desprazer como intuito primordial dos humanos, diz: "Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas...", mais à frente continuando: "Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nos mesmos. Há, é verdade, outro caminho, e melhor: o de tornar-se membro da comunidade humana e, com auxílio de uma técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana. Trabalha-se então com todos para o bem de todos."¹

Claro que estamos diante de uma constatação irônica de Freud sobre o desejo humano de evitar o desprazer e garantir felicidade a qualquer preço.

A partir daí parece ficar claro o que um psicanalista poderia a ter com isso. Poder escutar sobre o mal-estar.

Apresento-me aqui não com a pretensão de defender a verdade sobre verdades, mas como diz Lacan, defender *"aquela em que quebro a cabeça para apresentar a vocês"*².

Quero deixar claro que meu discurso não representa a voz da psicanálise, mas meu desejo de pensar com vocês os possíveis resultados da liberação da caça, a partir da leitura que faço dela, a psicanálise e apoiada em minha vivência clínica. Também propor questões a vocês, sempre com o compromisso e respeito que venho firmando com a vida dos humanos e dos animais desde o instante em que autorizei a mim, viver o desejo de ser psicanalista.

Bem, nesses tempos atuais a maior parte de nós humanos tem a impressão de estar vivendo um mundo sem limites. Somos diariamente bombardeados com episódios de genocídio, misoginia, feminicídio, homofobia e racismo; preconceitos de toda espécie; a negação de direitos humanos e princípios éticos; a destruição constante da natureza.

Será que estamos a bordo de uma nau sem rumo? Será que estamos vivendo numa sociedade perversa e com um sistema de Leis que investem na perversão? Ou será que estamos como sempre, vivendo a história da humanidade no presente e praticando aquilo a que Nietzsche chamou de *"humano demasiadamente humano"*? Talvez quem saiba, um pouco de tudo isso e ainda como se não houvesse o amanhã.

Entretanto..., até segunda ordem, existirá um amanhã. Assim, é preciso pensar o que e como fazer para lidar com o mal-estar que invade a história na atualidade. É diante do mal-estar que surge a possibilidade de pensar novo.

Como o objetivo aqui é discutir sobre os aspectos psíquicos da liberação da caça no Brasil, tomarei esse como o mal-estar premente.

Propus o texto dessa palestra a partir da ideia de que quando autorizamos o sujeito humano a atuar, nada podemos saber ou garantir de sua atuação, pois à atuação na vida não cabe script, muito menos ensaio. Portanto estaremos sempre diante da questão: o que cada sujeito fará com aquilo que tem? O que cada sujeito desejará e fará com o seu desejo?

A Lei Jurídica em sua letra tem como princípio regular o comportamento humano e suas relações sociais, garantindo a manutenção desses laços; proteger e garantir a integridade física, moral e de vida dos seres humanos; e também a relação desses com a natureza. Embora a essa última relação os pilares jurídicos ainda estejam fragilmente estruturados.

A Lei em seu sentido jurídico garante sua universalidade uma vez que dirige sua autoridade e poder a todos os sujeitos inseridos numa mesma sociedade. Uma vez expressa é imperativa e categórica.

Apesar de seu sistema de normas e penas, apesar de seu caráter punitivo e coercitivo, a Lei Jurídica ainda assim poderá ser descumprida pelo sujeito que deseja praticar o ilícito. Portanto a Lei poderá ser confrontada, ignorada e desrespeitada pelo desejo desse sujeito. Isso porque apesar de imperativa e categórica a Lei jurídica estará sempre diante do poder de outra, tão imperativa e categórica, também reguladora do desejo humano, a saber, a Lei do Desejo Inconsciente.

Essa, a Lei do Desejo Inconsciente, não tem caráter universal, é singular, original e faz-se cumprir por estatutos únicos e exclusivos a cada sujeito. Uma Lei criada pelo desejo inconsciente do sujeito, por interesse próprio, e para sua satisfação e gozo. A ela subjugado, dela o sujeito nada sabe, porem segue cumprindo suas normas e pagando o preço dessa obediência e submissão. Assim, *"a Lei é aquela que interdita e funda o desejo, assim jamais haverá Lei sem desejo"*

e desejo sem Lei"³.

O humano para psicanálise não é um indivíduo, como define a própria palavra, um sem divisão. Desde o início da psicanálise, Freud propõe a Spaltung, divisão fundamental entre o sujeito do conhecimento (sujeito cartesiano) e o sujeito do desejo (sujeito inconsciente).

Se o sujeito cartesiano existe porque pensa, o sujeito da psicanálise existe lá onde não pensa, lá onde não se conhece, no inconsciente.

A partir desse princípio, o sujeito pretendo conhecedor de si, é um des-conhece-dor, desconhece a própria dor. Em sua posição ego centrada - centrado na imagem que faz de si (eu sou), a imagem ideal, nada sabe sobre esse seu estranho e seu desejo.

E quanto mais investe em sua imagem idealizada, em penso logo existo; no eu sou, mais o sujeito se perde de sua verdade, mais mergulha em seu mito, mais atua seu desejo sem nem se quer saber se quer desejá-lo. Faz de si prisioneiro da repetição. Repetição por facilitação como lembra Freud, *"Tem-se sempre a tendência a percorrer caminhos conhecidos, pois os novos caminhos impõem uma resistência. A facilitação nada mais seria que uma diminuição permanente dessa resistência"*⁴. Porém é preciso lembrar com Lacan que repetir não é reencontrar a mesma coisa. Repetir pode ser a busca pelo novo.

A relação de cada sujeito com o outro seja esse humano ou animal dar-se-á de acordo seu mito. Com o *"roteiro imaginário em que o sujeito está presente, e que figura, de maneira mais ou menos deformada pelos processos defensivos, assim (acréscimo meu), a realização de um desejo é em última análise, a de um desejo inconsciente"*⁵.

O palco onde se desenrolou o romance familiar de cada sujeito e as histórias transmitidas na tradição familiar que o antecede, que antecede a seu nascimento servem como cenário fantasístico

(de fantasia) para sua narrativa mítica que comparece como A Verdade. Portanto, para suprir aquilo que não pode ser transmitido, a sua verdade desconhecida, o sujeito constrói o seu mito. E por ter sua estrutura de ficção, a verdade do sujeito não poderá jamais ser separada de seu mito, pois estará sempre condicionada a um semi-dizer. O sujeito cria a partir dessa combinação verdade desconhecida e mito, sua fantasia fundamental.

O sujeito olhará para a vida e nela atuará dependendo da sua relação com a fantasia fundamental (que é sempre inconsciente) e *"das fantasias constituídas a partir daquilo que viu e que ouviu, e que nelas está mergulhado"*⁶.

A relação de cada sujeito com a fantasia dependerá de sua estrutura psíquica. A estrutura psíquica é o radical de cada sujeito, é imutável.

Para a psicanálise existem três estruturas psíquicas, a saber, a neurose (considerada a melhor saúde psíquica), a psicose e a perversão. Para Freud *"Clinicamente, é uma estrutura psíquica aquilo em que o sujeito se torna ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, e traumas diversos... Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz do que carrega em si"*⁷...

A fantasia portanto pode seguir caminhos distintos nos sujeitos. Tanto pode atuar como promotora do equilíbrio psíquico (a homeostase), contribuir para a vida criativa do sujeito com seus projetos e realizações, quanto promover sofrimentos psíquicos resultantes da produção de sintomas, inclusive daqueles que poderão vir a causar transtornos e impedimentos na sua sociabilidade.

Então pensando assim quando a Lei (em seu sentido jurídico) dá ao sujeito o poder de caçar, é preciso que se interrogue sobre a presa. Quem será ela? O animal subjugado à condição de mero objeto de um desejo humano, ou o próprio humano, presa de

uma Lei outra que regulamenta um desejo seu não sabido?

Quando se fala em legalizar a caça é importante considerar as questões: 1- o sujeito que caça mata.

2- o sujeito que autoriza a caçar autoriza a matar.

Portanto aqui estamos diante da autorização e legalização à atuação do desejo humano de matar e da submissão da vida animal a esse desejo. Um caminho na contramão daquela que é segundo Marie Bonaparte *"a aliança subjetiva realizada no próprio humano entre a barbárie e o grau mais elevado de civilização"*⁸, a saber, a cultura de preservação da vida, seja ela qual for.

Com a legalização da caça ao animal, estaremos então oferecendo ao humano o retorno ao arcaico, um passo para trás na história da civilização, a volta daquilo que há de abominável e que nenhuma sociedade dita civilizada poderia conceber - o lugar de escravizador, torturador e destruidor do animal.

Para a psicanálise há sempre um não dito por trás do dizer de cada sujeito. Do que a Lei da liberação da caça não pode dizer por traz do dito "Mate o animal!"?

Talvez não possa dizer sobre o desejo inconsciente dos promotores da liberação da caça, sobre o que silenciam. Mas para a psicanálise se há sempre um não dito por trás do dizer de cada sujeito, também há sempre um desejo prestes a ser denunciado por trás de cada silêncio.

As justificativas para a liberação da caça no Brasil vão desde medidas econômicas como recuperação da agricultura ameaçada por animais silvestres e outras espécies invasoras, criação de verbas para investimento na preservação da fauna e flora regionais; à medidas sanitárias para a garantia de rebanhos e do controle populacional de

espécies.

Embora garantam os apoiadores à causa da liberação da caça, o cuidado na elaboração de leis rigorosas de controle, e até a delimitação de territórios autorizados à sua prática, esquecem que o que não se justifica é o injustificável: o desejo de matar o animal. E como desejo não justifica, atua. Estamos prestes à passagem ao ato. E não a um ato qualquer. A um ato destruidor, mortífero.

Para falar da caça é preciso também falar do caçador. E aqui será preciso muita cautela. Antes de falar sobre o caçador é necessário lembrar que para a psicanálise o sujeito que caça não é sempre o sujeito malvado, destruidor, perverso. É preciso que sejam escutadas as questões histórico-culturais de cada sujeito bem como as condições de vida e sobrevivência a que está assujeitado, para que possamos vir a saber algo sobre seu desejo de caçar.

Aqui não trato de estabelecer um juízo de valor sobre o caçador, mas questionar o porquê de transformar em caçador o sujeito que há muito está interdito a essa prática por princípios consolidados de cultura, ética e justiça. Porque oferecer o animal como objeto de satisfação e gozo a desejos outros?

Pela via da psicanálise é possível pensar que poderá vir a ser um caçador o sujeito movido pelo desejo de desejar o desejo do outro. Assim esse sujeito caçará porque os amigos caçarão e ele não querendo vir a ser o único que não caça, e desejando ser reconhecido no grupo, irá caçar. Portanto esse caçador será um sujeito diante da legítima identificação neurótica, ou seja - diante do desejo de reconhecimento.

Também poderá vir a ser um caçador, um sujeito tomado por um outro desejo inconsciente, e assim caça e mata o animal por impossibilidade de matar a um outro sujeito que imaginariamente o mantém (ao caçador) no insuportável lugar de objeto de

gozo perverso.

Ou ainda, que poderá vir a ser um caçador o sujeito que tem como Lei o desejo de gozar com, e do sofrimento do outro colocado no lugar de objeto. Seja esse objeto, humano ou animal. Caçar pelo prazer e gozo de perseguir e acuar; impor medo e fazer sofrer; destruir e matar. Um desejo perverso de gozar a qualquer preço, mesmo que lhe custe a auto-destruição.

Para Freud a perversão é antropológica, não existe perversão na animalidade. Animais caçam e matam obedecendo à leis naturais de sobrevivência; de preservação e controle natural das espécies.

Para a psicanálise, como já dito anteriormente, a perversão é "cl clinicamente, uma estrutura psíquica: ninguém nasce perverso, torna-se um ao herdar, de uma história singular e coletiva em que se misturam educação, identificações inconscientes, traumas diversos. Tudo depende em seguida do que cada sujeito faz da perversão que carrega em si: rebelião, superação, sublimação; ou ao contrário, crime, destruição, autodestruição e outras possibilidades." "...a perversão como estrutura psíquica, foi então integrada por Freud à ordem do desejo inconsciente"9.

O que desejará e o que fará com seu desejo cada sujeito portador de uma arma e com autorização a apertar o gatilho contra o animal, não sabemos.

Qual Lei o norteará? Aquela que limita seus atos, ou aquela outra que o leva a atos sem limites?

E o animal, que lugar estará ocupando diante do sujeito caçador? O de um objeto de descarte, ou mascarado no lugar de um outro sujeito humano, objeto de revolta do próprio sujeito caçador?

Para elucidar minha fala apresento o fragmento de um caso clínico.

Há 08 anos atrás atendi em escuta clínica um paciente filho de americanos que desde a

adolescência caçava nos Estados Unidos, nos estados onde a caça é autorizada.

Nas entrevistas preliminares me contou sobre essa prática e disse: -"Só caço animais machos, agressivos e solitários, com hábitos noturnos. Tipo os coiotes. Animais que vivem em famílias (frisou falando com separação das sílabas) e fêmeas nunca cacei e jamais irei caçar."

Quando perguntei sobre essa seleção, me respondeu: "questões de foro íntimo". Lembrei a ele que ali no set analítico, diante do analista, ele poderia falar sobre o "foro íntimo" sempre que desejasse e pudesse. Fez um sinal que sim com a cabeça e se manteve silencioso até o fim da sessão.

Quando retornou para a terceira sessão relatou que dos 05 aos 08 anos, fora constantemente abusado sexualmente pelo irmão mais velho, adulto, e filho do primeiro casamento do pai.

Esse irmão costumava visitar a família aos finais de semana alternados. Chegava sempre à noite quando todos estavam dormindo. E nas visitas dividia o quarto com o paciente.

O paciente por sua vez dizia " que por ser o meu irmão bem mais velho e financeiramente independente, minha família não só confiava nele, como o tinha em alta conta e respeito, o que o fazia sentir-se seguro o suficiente para trancar a porta do quarto com chaves e cometer os abusos. Mas não sem antes, ameaçar me matar caso eu gritasse ou contasse aos meus pais".

Conta que após ameaçar de morte, e praticar violência sexual o irmão ainda lhe dizia " Não reclama não, porque você gosta."

Durante o processo de análise os coiotes só puderam deixar de ser objetos para a caça; objetos para a morte, no instante em que o paciente reconhece seu desejo e identificação com o animal caçado como o objeto para a punição, em substituição ao irmão. Compreende que mata o animal, segundo ele, solitário, agressivo, perigoso e noturno, pela impossibilidade de matar

o outro humano abusador, matar o irmão.

Foi assim vivido seu tempo lógico. O tempo que precisou para concluir, para declarar a si e à analista em voz alta que mata-los, aos animais, não garantiria a ele o apagamento do vivido. Sua fala conclusiva foi: "Não dói mais. Posso deixar minha experiência no passado e os coites viverem no presente e no futuro".

Depois dessa constatação, relatou à esposa toda a história por ele vivida e pode contar com o seu apoio no enfrentamento ao irmão. Nada disse aos pais. Resolveu poupa-los, segundo ele, de possível sofrimento.

Esse caso nos conta que se nada sabemos a priori sobre a fantasia que move o desejo inconsciente do caçador, sabemos que a posteriori, a morte do animal estará garantida.

Não aposto no pensamento obscurantista de que o humano precise ser vigiado para não atuar a barbárie. Não estamos vivendo em hordas, mas em complexas estruturas sociais.

O sujeito humano civilizado está submetido a censura própria, ao superego, formado pelas culturas familiares e sociais, pela educação, pela ética. É preciso que lembremos que a barbárie não é uma invenção, mas uma prática não mais aceita em nossas organizações sociais. Apesar disso, para fazer existir a barbárie basta o desejo de um só bárbaro.

E quanto é bárbaro a crença no poder de deliberar tanto sobre a vida e morte do humano quanto sobre a do animal?

É preciso que nos descolemos desse imaginário poder de vida e morte sobre o animal. É importante reconhecermos que a posição humana de superioridade hierárquica, do especismo, é falaciosa, está relacionada com o ver e ser visto de cada sujeito. Sob qual perspectiva vejo o outro

e sob qual sou visto pelo outro. E enquanto virmos o animal como puro objeto, talvez continuemos acreditando nela, a hierarquia especista onde o sujeito humano tem total poder sobre as demais espécies consideradas inferiores.

Enquanto assim o pensarmos, talvez seja preciso que nos imponham essa perda de objeto; que nos interditem o **desejo consciente** de subjugá-lo. É preciso que o percamos como puro objeto e façamos esse luto.

É preciso que encaremos essa falta para história da humanidade, para que possamos talvez vir a construir outra história com o animal, onde não mais compareça como puro objeto, mas quem sabe como um outro não humano.

Mesmo diante da obviedade de que nada tenha a ver com o sujeito cartesiano do conhecimento, ou o sujeito da psicanálise dividido pelo inconsciente e marcado pela linguagem, porque não pensa-lo num mais além?

Nos aproximando da ideia de Derrida, que pensa a possibilidade de reconhecer no animal, um sujeito do olhar.

Jacques Derrida, filósofo, franco-argelino, relata em seu maravilhoso livro "**O animal que logo sou**", um episódio vivido com sua gata, num determinado momento quando se depara nu diante dela e sendo olhado por ela. Diz ele o seguinte "*Frequentemente me pergunto, para ver quem sou - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo, os olhos de um gato. Tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo..., e a partir desse instante diante de mim, ele pode se deixar olhar, sem dúvida, mas também...ele pode me olhar.*"¹⁰

O que estou propondo é que possamos pensar a partir do ponto de vista do animal olhado e que nos olha. Não no lugar deles, pois é absolutamente impossível ocupar o lugar do outro, sendo ele humano ou não humano. Mas com olhar outro, pois

mesmo estando nós aqui reunidos lutando para defendê-lo, protegê-lo, ainda assim estaremos oferecendo a ele um único e mesmo lugar, o de objeto subjugado aos desejos humanos. Talvez quem saiba, possamos vir a olhá-lo com o mesmo olhar de estranhamento que olhamos para o outro humano.

O olhar de quem interroga sobre a quem vê e de como é visto.

O olhar do incômodo de estar diante de um outro desconhecido o outro do olhar, e não o de estranhamento ao puro objeto.

Sabemos que não está o animal banhado pela linguagem composta por um sistema de códigos tal qual o humano, que decifra mensagens capacitando à fala. Mas também sabemos que possuem linguagem outra com códigos que as ciências há muito buscam decifrar e alguns desses já decifrados e reconhecidos em primatas e algumas espécies de mamíferos e outros não mamíferos.

Enfim, que possa vir a ser reconhecido como outro não humano, outro para a vida, e como propõe Derrida (2002) *fora do saber filosófico*, e eu aqui pedindo licença acrescento, e repensado pelo saber psicanalítico, *como um saber poético*.

Liberar a caça no Brasil, é só mais uma forma de nos mantermos como "presas" da "parte obscura de nós mesmos".* Aquela que poderá nos enjaular num desejo não sabido.

Um animal nos olha com vida. Talvez jamais venhamos saber como olha para a vida, mas podemos reconhecer pelo seu olhar no confronto com o nosso, que teme perdê-la.

Obrigada.

RENATA ZANCAN

SÃO PAULO, 16 DE MARÇO DE 2019.

*Título do livro de mesmo nome. (Roudinesco, Elisabeth)

CITAÇÕES

- 1- FREUD, SIGMUND - O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO - 1929/1930 OBRAS COMPLETAS VOL.XXI-CAP.2;PÁG.85(1969- IMAGO)
- 2- LACAN,JACQUES - ESTOU FALANDO COM AS PAREDES - (2011- JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)
- 3- ROUDINESCO, ELISABETH - A PARTE OBSCURA DE NÓS MESMO (2008 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)
- 4- FREUD, SIGMUND - PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA- 1895 (19 - OBRAS COMPLETAS VOL. IMAGO)
- 5- LAPLANCHE E PONTALIS - VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE - (1990 - MARTINS FONTES)
- 6- PIERRE KAUFMANN -PRIMEIRO GRANDE DICIONÁRIO LACANIANO - (1996 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)
- 7- Ibid.
- 8- ROUDINESCO, ELISABETH - A PARTE OBSCURA DE NÓS MESMO (2008 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)
- 9- JONES, ERNEST - A VIDA E A OBRA DE SIGMUND FREUD (1989- IMAGO)
- 10-PAIXÃO, RITA LEAL - SOB O OLHAR DO OUTRO. DERRIDA E O DISCURSO DA ÉTICA ANIMAL (TRECHO DO LIVRO - O ANIMAL QUE LOGO SOU - JACQUES DERRIDA - (2002 - TRADUÇÃO FÁBIO LANDA - UNESP)

BIBLIOGRAFIA

FREUD, SIGMUND - O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO - 1929/1930 OBRAS COMPLETAS VOL.XXI-CAP.2;PÁG.85(1969-IMAGO)

FREUD, SIGMUND - PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA CIENTÍFICA- 1895 (19 - OBRAS COMPLETAS VOL. IMAGO)

JONES, ERNEST - A VIDA E A OBRA DE SIGMUND FREUD (1989- IMAGO)

JORGE, MARCO ANTONIO COUTINHO - FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE DE FREUD A LACAN VOL.2 - A CLÍNICA DA FANTASIA (2010 - JORGE ZAHAR EDITOR)

LACAN, JACQUES - ESTOU FALANDO COM AS PAREDES - (2011- JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

LACAN, JACQUES - ESCRITOS - FUNÇÃO E CAMPO DA FALA E LINGUAGEM EM PSICANÁLISE - (JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

LACAN, JACQUES - OUTROS ESCRITOS - (2003 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

LACAN, JACQUES - O AVESSE DA PSICANÁLISE - SEMINÁRIO LIVRO 17 (1992 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

LACAN, JACQUES - O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO - SEMINÁRIO LIVRO 6 -(2016 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

LAPLANCHE E PONTALIS - VOCABULÁRIO DA PSICANÁLISE- (1990 - MARTINS FONTES)

PAIXÃO, RITA LEAL - SOB O OLHAR DO OUTRO. DERRIDA E O DISCURSO DA ÉTICA ANIMAL (TRECHO DO LIVRO - O ANIMAL QUE LOGO SOU - JACQUES DERRIDA - (2002 - TRADUÇÃO FÁBIO LANDA - UNESP)

PIERRE KAUFMANN -PRIMEIRO GRANDE DICIONÁRIO LACANIANO - (1996 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

RABINOVICH, DIANA - A ANGÚSTIA E O DESEJO DO GRANDE OUTRO (2005 - COMPANHIA DE FREUD EDITORA)

ROUDINESCO, ELISABETH - A PARTE OBSCURA DE NÓS MESMO (2008 - JORGE ZAHAR EDITOR LTDA)

RENATA ZANCAN
SÃO PAULO, 16/09/2019

Jacques Derrida, filósofo franco-argelino, relata em seu maravilhoso livro "**O animal que logo sou**", um episódio vivido com sua gata, num determinado momento quando se depara nu diante dela e sendo olhado por ela. Diz ele o seguinte " Frequentemente me pergunto, para ver quem sou - e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo, os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.....e a partir desse instante diante de mim, ele pode se deixar olhar, sem dúvida, mas também...ele pode me olhar."²

CITAÇÕES

- 1- Lacan, Jacques - Estou Falando Com As Paredes (2011 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 2- Pierre Kaufmann -Primeiro Grande Dicionário Lacaniano - (1996 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 3- Ibid
- 4- Freud, Sigmund - Projeto para uma Psicologia Científica- 1895 (19 - Obras Completas Vol. Imago)
- 5-
- 6- Adorno, Theodor - La psycanalyse révisée (2007 - Éditions de l'Olivier,) citado por Elisabeth Roudinesco, A parte obscura de nós mesmo (2008 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 7- Jones, Ernest - A vida e a obra de Sigmund Freud (1989- Imago)
- 8- Freud, Sigmund - Projeto para uma Psicologia Científica- 1895 (19 - Obras Completas Vol. Imago)
- 9- La Planche e Pontalis - Vocabulário da Psicanálise (1990 - Martins Fontes)
- 10-Roudinesco, Elisabeth - A parte obscura de nós mesmo (2008 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 11-Pierre Kaufmann -Primeiro Grande Dicionário Lacaniano - (1996 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 12-Lacan, Jacques - Estou Falando Com As Paredes (2011 - Jorge Zahar Editor Ltda)
- 13-Derrida, Jacques - O animal que logo sou -
- 14-Lacan, Jacques - A lógica da fantasia - Outros Escritos (2003 - Jorge Zahar Editor Ltda)

15-

16-Freud, Sigmund - Totem e Tabu - Obras
Completas - Vol.XIII (1980 - Imago)

BIBLIOGRAFIA

- 1- Bueno, Ângela de Fátima Vieira - Do Mito Social ao Mito Individual do Neurótico (publicado em *Saber, Verdade e Gozo* (leituras de *O Seminário, livro 17*, de Jacques Lacan) organizadores: Doris Rinaldi / Marco Antonio Coutinho Jorge). (2002- Marca d'Água Livraria e Editora Ltda)